

DIREITO E CINEMA

JOSÉ LUIZ QUADROS DE MAGALHÃES
JULIANO NAPOLEÃO BARROS
COORDENADORES

DIREITO E CINEMA



Belo Horizonte
2013

CONSELHO EDITORIAL

Álvaro Ricardo de Souza Cruz	Jose Antonio Moreno Molina - Espanha
André Cordeiro Leal	José Luiz Quadros de Magalhães
André Lipp Pinto Basto Lupi	Leandro Eustáquio de Matos Monteiro
Antônio Márcio da Cunha Guimarães	Luciano Stoller de Faria
Carlos Augusto Canedo G. da Silva	Luiz Manoel Gomes Júnior
Clèmerson Merlin Clève	Luiz Moreira
David França Ribeiro de Carvalho	Márcio Luís de Oliveira
Dhenis Cruz Madeira	Maria de Fátima Freire Sá
Dircêo Torrecillas Ramos	Mário Lúcio Quintão Soares
Emerson Garcia	Nelson Rosenvald
Felipe Chiarello de Souza Pinto	Renato Caram
Florisbal de Souza Del'Olmo	Roberto Correia da Silva
Frederico Barbosa Gomes	Rodolfo Viana Pereira
Gilberto Bercovici	Rodrigo Almeida Magalhães
Gregório Assagra de Almeida	Rogério Filippetto de Oliveira
Gustavo Corgosinho	Rubens Beçak
Jamile Bergamaschine Mata Diz	Vladmir Oliveira da Silveira
Jean Carlos Fernandes	Wagner Menezes
Jorge Bacelar Gouveia - Portugal	William Eduardo Freire
Jorge M. Lasmar	

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio eletrônico, inclusive por processos reprográficos, sem autorização expressa da editora.

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

Arraes Editores Ltda., 2013.

Coordenação Editorial: Fabiana Carvalho

Produção Editorial: Nous Editorial

Revisão: Responsabilidade do autor

Capa: Gustavo Caram e Hugo Soares

Ilustração da Capa: "Passagem entre Dimensões"

Alan Salomão de Campos

D598 Direito e cinema / José Luiz Quadros de Magalhães
e Juliano Napoleão Barros, coordenadores. – Belo Horizonte:
Arraes Editores, 2013.
215p.
ISBN: 978-85-62741-92-0

1. Direito e cinema. I. Magalhães, José Luiz Quadros de.
II. Barros, Juliano Napoleão.

CDD: 340.1
CDU: 340:778.5

Elaborada por: Maria Aparecida Costa Duarte
CRB/6-1047

Rua Pernambuco, 1389, Loja 05P - Savassi
Belo Horizonte/MG - CEP 30130-151
Tel: (31) 3031-2330

www.arraeseditores.com.br
arraes@arraeseditores.com.br

Belo Horizonte
2013

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos alunos e professores que, entre 2008 e 2011, participaram do Projeto Direito em Tela, na Faculdade de Direito da UFMG, especialmente: Bruno Demétrio, Cíntia Melo, Gustavo Fiche e Sara Vinhal - que participaram da coordenação do projeto - e os professores: Adamo Dias, Andityas Matos, Daniela Marques, Décio de Abreu Júnior, Felipe Bambirra, Felipe Martins, Fernando Nogueira, Giordano Bruno Soares, Gustavo Siqueira, João Andrade Neto, Lucília Barros, Marcelo Cattoni, Marcelo Gallupo, Marcelo Sarsur, Maria Clara Santos, Miracy Gustin, Mônica Sette Lopes, Rafael Soares, Renato Cardoso e Wagner Cabral.

Coordenado pelo Prof. Juliano Napoleão Barros, o Direito em Tela promoveu palestras e debates político-jurídicos a partir da exibição de filmes, no esforço de desenvolvimento de novas metodologias de ensino do Direito, informadas pela pedagogia freireana de investigação temática. Foi da convivência entre os coordenadores deste livro, nas diferentes edições do Direito em Tela em que participou o Professor José Luiz Quadros de Magalhães, que surgiu a proposta desta publicação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	IX
CAPÍTULO 1	
E JAVÉ? PATRIMÔNIOS E REFERÊNCIAS CULTURAIS ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA	
<i>Yussef Daibert Salomão de Campos</i>	1
CAPÍTULO 2	
O BEIJO 2348/72: PROCESSO, TRABALHO E SÍMBOLOS	
<i>Adriana Goulart de Sena</i> <i>Mila Batista Leite Corrêa da Costa</i> <i>Oyama Karyna Barbosa Andrade</i>	
	25
CAPÍTULO 3	
WHATEVER WORKS: DIREITO, CIÊNCIA E HIPERCOMPLEXIDADE	
<i>Adriana Goulart de Sena</i> <i>Mila Batista Leite Corrêa da Costa</i>	
	37
CAPÍTULO 4	
“ADEUS LÊNIN”: ALGUMAS INDAGAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA	
<i>Thiago Aguiar Simim</i>	53

CAPÍTULO 5	
DO CINEMA À REALIDADE: DIREITO E DISTOPIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	
<i>Andityas Soares de Moura Costa Matos</i>	63
CAPÍTULO 6	
O PROCESSO – O LIVRO E O FILME: CONHECIMENTO, COMPLEXIDADE E RISCO	
<i>Mônica Sette Lopes</i>	79
CAPÍTULO 7	
CRASH: ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS	
<i>Mônica Sette Lopes</i>	105
CAPÍTULO 8	
O FANTÁSTICO MUNDO DO DIREITO	
<i>Rosana Ribeiro Felisberto</i>	117
CAPÍTULO 9	
CRISE DOS VALORES E O MOMENTO POIÉTICO EM OBRIGADO POR FUMAR	
<i>Viviane Madureira Zica Vasconcellos</i> <i>Victor Hugo Criscuolo Boson</i>	129
CAPÍTULO 10	
O CONSTITUCIONALISMO MODERNO - IDEOLOGIA, CONSTITUIÇÃO E CINEMA: DOMINAÇÃO E ENCOBRIMENTO NO FINAL DA MODERNIDADE.	
<i>José Luiz Quadros de Magalhães</i>	143
CAPÍTULO 11	
O DIREITO COMO PROJETO ÉTICO INTERSUBJETIVO E SUA PROJEÇÃO METAFÓRICA NA CAMINHADA DE DOROTHY E SEUS COMPANHEIROS EM BUSCA DO MÁGICO DE OZ	
<i>Juliano Napoleão Barros</i>	173

APRESENTAÇÃO

Um filme reúne uma estória (ou uma história). Aqui, lembramos Rubem Alves que mostra a sua raiva com os gramáticos, assim como Fernando Pessoa: “Os gramáticos se sentem no direito de proibir palavras. Tiraram ‘estória’ do dicionário. Agora só se pode dizer ‘história’. Mas o que tem ‘história’ a ver com ‘estória’? *A estória não quer tornar-se história*” dizia Guimarães Rosa. A história acontece no tempo que aconteceu e não acontece mais. A estória mora no tempo que não aconteceu para que aconteça sempre.” (Rubem Alves, “O velho que acordou menino [infância]”, Editora Planeta do Brasil, São Paulo, 2005).

A partir destas reflexões, podemos nos atrever a dizer que um bom filme, sempre conta uma “estória” ainda que baseado em uma “história”. Sendo arte (pois existem filmes que não são arte), vai muito além. Ultrapassa o tempo retratado e o tempo da exibição. Permanece.

O cinema contador de estórias está para as artes como o discurso transdisciplinar está para as ciências, ou melhor, para o saber, o conhecimento em geral. É arte que reúne, ou pode reunir, a literatura; a poesia; a música; a pintura; a fotografia; a escultura; uma arte que pode brincar com as palavras e as cores, que pode provocar os sentidos, e assim nos levar a compreender e refletir através e para além da história.

Contar estórias, fiéis ou não à história, é a arte do cinema. Para entendermos a história precisamos contá-la como estórias, pensamentos vivos (memórias vivas como diria Rubem Alves), pois a estória não esconde os

sentimentos que não podem ser escondidos, pois a estória não se pretende neutra, algo impossível para nós. A estória nos envolve, e a partir de onde é contada chega até onde nos encontramos, e é a partir desta dupla posição que se constrói uma percepção única em cada um que a vê, ouve e sente.

Temos assim uma dupla oportunidade: podemos reconhecer as questões sociais e jurídicas em sua *situacionalidade* e, da mesma maneira, nos pensarmos também *situados*. Interpretar a realidade em sua representação codificada na linguagem cinematográfica e, em seguida, questionar o filme, criticá-lo, *descodificando* as situações existenciais ilustradas por suas estórias. De repente, rompe-se a inércia passiva na poltrona do cinema e inicia-se um reiterado movimento de *ir e vir*, em que nos identificamos com os sujeitos e situações representadas e, em seguida, saímos da tela, estabelecendo o distanciamento necessário à crítica e à problematização das repercussões da estória em nossa história.

Este livro procura refletir a realidade e o direito a partir das estórias contadas pelo cinema.

JOSÉ LUIZ QUADROS DE MAGALHÃES¹
JULIANO NAPOLEÃO BARROS²

¹ Mestre e doutor em Direito pela UFMG; professor da UFMG e PUC-MG; coordenador do programa de pós-graduação em Direito da FDSM.

² Assessor-chefe da Comissão de Defesa dos Direitos Fundamentais do Conselho Nacional do Ministério Público. Mestre e doutorando em Direito pela UFMG. Professor de Direito Constitucional, Direitos Humanos e Metodologia da Pesquisa Científica. Foi pesquisador visitante na *Bodleian Law Library - Faculty of Law/University of Oxford* e no *Ius Gentium Conimbrigae* - Centro de Direitos Humanos da Universidade de Coimbra.